

Base Nacional Comum Curricular - BNCC

Etapa da Educação Infantil

Leitura crítica: Joyce Menasce Rosset

O documento como um todo tem linguagem acessível, é mais objetivo do que as Diretrizes Nacionais e parece dialogar diretamente com o educador. Porém, é preciso conhecer e levar em conta a realidade dos educadores brasileiros e as instituições que formam a grade maioria dos nossos professores. Assim, realizei a leitura da terceira versão da BNCC Educação Infantil, com base na minha experiência com esse público e o diálogo cientificamente analisado que mantenho com mais de 25 mil leitores do Blog Tempo de Creche, e os dados estatísticos disponíveis nas plataformas digitais (web semânticas).

A leitura crítica partiu, então, de dois focos:

- Questões específicas (partindo do texto)
- Visão geral do conteúdo

- **Questões específicas**

3.1

4º parágrafo, 8ª linha, palavra “estimular”

Apesar do verbo *estimular* significar *despertar o ânimo, o interesse, encorajar e incentivar*, em países como Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Suécia, entre outros, se utiliza o verbo *provocar* e *desafiar* como atributos do professor. Intencionalmente ele provoca e desafia as crianças para despertar interesse e pesquisa a respeito dos diversos contextos e campos de experiências. Hoje defende-se a Investigação como abordagem de Educação desde os primeiros meses de vida da criança. Ao promover o espírito investigativo, o professor provoca e acolhe a exploração, a busca e o interesse pela descoberta e, mais à frente, pelo estudo. Pesquisas em Educação têm revelado que a busca pela descoberta e resolução de problemas é, em si, processo de estudo aprofundado e significativo.

6º parágrafo, 8ª linha, frase “espaços que as convidam a vivenciar desafios e sentir-se provocadas a resolvê-los”

Gosto desse parágrafo porque fala sobre provocação e desafio. Porém, acredito que a palavra ambiente, utilizada no lugar de espaço (apesar de sinônima), possa trazer significados mais abrangentes. Podem fazer parte do ambiente, a atmosfera de relações,

emoções e cultura, além do contexto físico. Pesquisas contemporâneas afirmam que a criança curiosa aprende mais e melhor. A americana Susan Engel e o canadense Bruce D. Perry perseguem a importância da curiosidade na criança para despertar o interesse, a criação de hipóteses, a experimentação e a descoberta como combustíveis da aprendizagem. Esse espírito investigativo promove o desenvolvimento do gosto pelo estudo, uma vez que é por meio dele que a criança passa a saciar sua curiosidade e dar vazão aos seus interesses. Já a sueca Liselott Olson trabalha com a relevância das perguntas colocadas pelas crianças – sejam elas verbalmente formuladas ou percebidas pelo adulto através de expressões do corpo. É por meio das perguntas formuladas pelas crianças e intencionalmente pelos professores que a curiosidade é valorizada e despertada.

7º parágrafo, 3ª linha, frase “o contato com a natureza”

Prefiro a palavra *interação* no lugar de *contato*, fazendo alusão a uma relação mais profunda. Natureza e Cultura são os contextos primordiais para uma educação que desafie e promova aprendizagem. Assim, este parágrafo resume o que deve assegurar o atendimento às crianças, porém se refere à cultura como forma de respeito às famílias nas relações construídas pelas instituições, mas não ressalta sua importância como contexto de aprendizagem e conhecimento.

3.2

3º parágrafo

Complementaria com a importância das perguntas, geradas a partir da curiosidade e da pesquisa: “Portanto, a abordagem de um currículo pautado na experiência da criança requer considerar seus conhecimentos, sua cultura, **seus questionamentos sobre o mundo** e seus saberes”.

3.2.1

1º parágrafo

Também este parágrafo deixa de destacar uma pedagogia que valoriza a investigação. Quando a criança se questiona e pesquisa formas de responder às suas perguntas/desafios, apesar de sua linguagem lúdica, ela está mergulhada num desejo legítimo, compenetrado e dedicado. Nessas situações a criança está seriamente envolvida em seus propósitos. Gosto da frase: “proporcionar às crianças vivenciar situações estruturadas de aprendizagem”. Acredito que a palavra estrutura pode traduzir aos professores a necessidade da intencionalidade.

2º parágrafo

Talvez ser mais objetivo e claro quanto às ações do professor não espontaneísta seja necessário levando-se a qualidade das faculdades que formam nossos pedagogos. Professores necessitam revisitar suas anotações, imagens e registros das crianças, para refletir sobre o ocorrido, avaliar e planejar/replanejar suas propostas. Da mesma forma, as

crianças precisam entrar em contato com os registros daquilo que viveram, das experiências e produções para criarem novas conexões entre aprendizagens e conhecimentos.

3º parágrafo, 5ª linha

Acrescentaria: “capacidade *questionadora*, intuitiva e criativa”

3.2.2

2º parágrafo CONVIVER

“assim como marcas da cultura corporal nos cuidados pessoais, na dança, na música...”. Esta construção de frase parece associar toda a cultura que vem a seguir – “na dança, na música ...” – às questões do corpo. Sugiro: “assim como marcas da cultura *nos cuidados com o corpo*, na dança, na música...”

7º parágrafo, 6ª linha PARTICIPAR

Como sugerido anteriormente, é importante explicitar ao professor a importância em acolher a curiosidade da criança como disparadora de pesquisas, descobertas e, conseqüentemente, aprendizagens. Assim, na frase “... usados em atividades lúdicas e artísticas”, eu acrescentaria a palavra “*investigativas*”.

Entrar em contato com o que foi vivido e experimentado é um processo fundamental para consolidar as aprendizagens e criar novas conexões entre conhecimentos já consolidados. Assim, nesse direito de aprendizagem, ao final do segundo parágrafo, sugiro acrescentar: Também é fundamental que a criança tenha acesso aos registros das experiências individuais e do grupo, intencionalmente organizadas.

8º parágrafo EXPLORAR

Para a sueca, doutora em Educação, Liselott Olsson, o mundo precisa entrar na creche e a creche tem que entrar no mundo. Desse modo, a escola, suas crianças e profissionais passam a ser atores políticos e não alvos de políticas. O mundo que cerca a escola é fonte de pesquisa, saberes e constitui parte da identidade da instituição e das crianças. Portanto, nesse parágrafo, acrescentaria dizeres a respeito da importância de conhecer e interagir com o ambiente que está além dos muros da instituição, mas que também pertence ao contexto educativo.

10º parágrafo, 2ª linha EXPRESSAR

Deixaria mais evidente a importância das perguntas colocadas pelas crianças: “... necessidades, opiniões, *perguntas/questionamentos*, sentimentos...”

3.2.3

AVALIAÇÃO

Esta é uma das questões mais delicadas se levarmos em conta a compreensão dos

educadores e a ponte que fazem com a própria prática. Ao meu ver, nossos documentos referenciais carecem de objetividade, simplicidade e até mesmo de exemplos práticos. Como autora de um site que promove formação para profissionais de Educação de todo o país, analisei os dados estatísticos dos temas mais lidos, comentados e solicitados em nossa plataforma e, marcadamente, a compreensão e o uso dos instrumentos metodológicos (Madalena Freire) é o assunto mais acessado, baixado, comentado e usado por coordenadoras em ações formativas. O que faz dos nossos artigos “um sucesso” em termos de contribuição para a melhoria da prática pedagógica? Justamente a clareza em evidenciar como a prática do professor e o desenvolvimento das crianças ganham quando o círculo virtuoso dos instrumentos metodológicos é usado no dia a dia: fazer pedagógico (intervir, encaminhar, devolver) → registro → reflexão → avaliação → planejamento → fazer pedagógico

Precisa ficar claro que essa prática apoia a ação do professor, influencia e revela as aprendizagens, demandas e necessidades das crianças. É preciso também abordar objetivamente que é a partir dos conteúdos do registro reflexivo, especificamente organizados e preparados pelo professor, que as crianças poderão ter acesso à memória do que viveram, e as famílias acompanharão e conhecerão o que acontece no cotidiano escolar de suas crianças.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar de Portugal dedicam 6 páginas a este tema, reconhecendo a sua importância para o desenvolvimento de uma educação qualificada.

3.3

4º parágrafo

Da mesma forma que os campos de experiências não podem ser interpretados como compartimentos estanques, também não devem ser encarados como critérios de avaliação pontual das crianças. Essa é uma questão delicada para professores que ainda contam com tabelas objetivas para avaliar “os progressos” dos pequenos, deixando de lado um olhar mais holístico para o desenvolvimento, e, conseqüentemente, para a singularidade.

CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS

2º parágrafo

Complementaria o final do parágrafo com a necessidade de espaço e de diferentes ambientes para que o corpo da criança possa se desenvolver e aprender a se expressar. É um fato conhecido na realidade das nossas creches e pré-escolas, as salas reduzidas, com grandes aglomerações de crianças pequenas e a tendência dos professores em permanecer nesses ambientes “para poder melhor controlar” as turmas. Assim, seria importante frisar que as oportunidades ricas, conforme o texto, precisam incluir a frequência de experiências em espaços amplos e diversificados, que favoreçam as pesquisas do corpo.

Outro ponto fundamental, que foi mencionado mas não explicado, é a aprendizagem dos pequenos a respeito de risco X segurança, hoje fortemente associada à capacidade de

avaliar situações e decidir.

Segundo Joan Almon, da ONG americana Alliance for Childhood, as crianças assumem as aventuras que se sentem preparadas para enfrentar, e o risco de não aprender a correr riscos é mais prejudicial para o desenvolvimento infantil do que pequenos cortes e ferimentos (que por ventura os pequenos venham a sofrer). Há creches que trocaram os brinquedos de madeira dos seus parques por outros feitos de plástico. Algumas instituições cortaram árvores, aterraram jardins e até colocaram tapetes de grama sintética nos pisos para “prevenir ferimentos”. Portanto, acredito ser importante estender um pouco mais essa questão, ressaltando a necessidade de um ambiente que favoreça o desenvolvimento dessas habilidades.

LINGUAGEM E IMAGINAÇÃO

Faltou abordar a ludicidade na descrição desse campo de experiências. Bebês brincam de vocalizar e, mais tarde, começam formar palavras. Depois combinam as palavras e ampliam as brincadeiras com a linguagem. Acho que o texto deu um salto e deixou um sabor de alfabetização. Outro importante aspecto do letramento que não foi mencionado é o desenho. É preciso compreender essa dimensão do desenho que contribui para o desenvolvimento da expressão artística e também como valioso treino para a escrita.

TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS

Acredito que a descrição desse campo de experiências ficou muito superficial e genérica. Nossos educadores precisam de instrumentos mais claros e específicos para pensar/repensar suas práticas na Educação Infantil e as expressões artísticas são fundamentais: afinal, o que é proporcionar experiências artísticas para crianças pequenas? Por que desenvolver a expressão por meio das artes? Como criatividade e curiosidade se relacionam com o desenvolvimento da capacidade de resolver problemas? Qual a postura do professor frente à expressão das crianças? Como encaminhar as pesquisas artísticas, musicais e do corpo? Que tipo de repertório deve ser pesquisado e utilizado? Como tratar das produções? Qual a importância de expô-las? Qual a importância para as crianças participarem da sua seleção? Qual a importância do desenho, suas características e como o professor pode refletir sobre as marcas? Com relação à música, quais propriedades podem ser exploradas com as crianças? (ritmo, intensidade, sons, letras etc.). Também não há menção sobre as brincadeiras que cruzam corpo e música: dança.

ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES

1º parágrafo, 4ª linha

Antes de coletar, colecionar e juntar pedrinhas, os bebês observam e brincam com o próprio corpo, procuram olhar, alcançar, segurar, balançar, apertar, girar, bater e atirar os objetos

para conhece-los. Como estão dentro da faixa etária da Educação Infantil, é importante fazer menção a eles também.

12ª linha

O que motiva as crianças? Esse é o tipo de informação que pode balizar a ação pedagógica. Nesse sentido, torno a apontar a curiosidade das crianças, a pesquisa e as perguntas instigadoras do professor, como bases para disparar o desenvolvimento das habilidades descritas nesse campo de experiências.

A promoção das aprendizagens desse campo poderia estar relacionada à abordagem educativa adotada em países como Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Inglaterra e países da Escandinávia: a pedagogia da investigação - conforme tradução da doutora em Educação Gisela Wajskop. Conforme mencionado anteriormente, as bases dessa abordagem atual são as boas perguntas que crianças e professores colocam no dia a dia nas instituições de educação e, até mesmo, em seu convívio familiar.

Em artigo publicado no Blog Tempo de Creche, resumimos essa visão educativa:

Boas perguntas são amplas e não direcionam as respostas. Elas possibilitam a elaboração do pensamento e dão espaço para respostas criativas. Boas perguntas devolvem os questionamentos, ajudando as crianças a organizarem o que já sabem sobre o assunto.

- *O que você quer saber?*
- *Você pode falar mais sobre isso?*
- *Como será que isso acontece? Como você acha que pode descobrir?*
- *Conte para os seus amigos o que você quer descobrir!*
- *Alguém pode ajudar o amigo a descobrir?*
- *Como vocês podem ajuda-lo?*
- *Então vamos pesquisar! Como podemos começar?*
- *Alguém mais pode nos ajudar a descobrir? Quem?*

EIBPET01m

Finalmente, para concluir este campo, ao observar, interagir e pesquisar plantas, animais e os ambientes de natureza, crianças aprendem sobre os ciclos de vida. Somente neste contexto as crianças pequenas podem concretamente perceber a vida, suas relações, transformações, nascimento e finitude. Esse tipo de observação é fundamental para que os professores valorizem e adotem os ambientes de natureza no cotidiano de suas práticas educativas.

Sobre os Objetivos de Aprendizagem para a Educação Infantil

Não acredito que essa forma de apresentação das expectativas do desenvolvimento infantil seja a mais apropriada para orientar nossos educadores. Percebo uma forte tendência em utilizar esse tipo de tabela como indicador de avaliação da criança e não de suas aprendizagens. A BNCC é um instrumento que parte do acolhimento da diversidade e precisa deixar claro que o desenvolvimento nessa etapa da infância é heterogêneo. Apesar de concluírem a primeira infância construindo habilidades e identidade, as crianças têm

ritmos e interesses variados ao longo do processo de amadurecimento. Mais vale propor ao professor pensar sobre o que cada criança fazia/dizia/pensava/agia e como agora faz/diz/pensa/age. *O que conquistou a partir daquilo que já foi observado?*

Outro aspecto dessa abordagem é a tendência em isolar os objetivos e planejar atividades para “cumprir com o currículo” de educação, “compartimentalizando a criança”.

Roteiros que apontem para a prática DO PROFESSOR podem ser melhor compreendidos pelos educadores e mais bem aproveitados.

Em uma das publicações do Blog Tempo de Creche, sugerimos uma tabela resumida com os objetivos de aprendizagem mencionados na segunda versão da BNCC. Esta tabela pode expressar a maneira que acreditamos ser mais adequada para orientar os educadores sobre o desenvolvimento infantil e suas fases.

QUADRO FACILITADOR – Pauta do Olhar: CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS				
CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	Do que se trata? O que as crianças nos contam? O que observar?			
O EU, O OUTRO, O NÓS	Percepção do próprio corpo, limites, habilidades e singularidades.	Expressão de sentimentos, desejos e necessidades. Percepção do efeito das próprias ações. Ações de empatia.	Pesquisa, curiosidade, autonomia no brincar e nos cuidados de si e do outro. Colaboração e compartilhamento.	Relação: interação (adultos e crianças). Brincadeiras individuais, lado a lado e em grupo.
CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS	Autonomia e segurança para buscar objetos, pessoas, se deslocar e brincar	O corpo que brinca, enfrenta desafios e busca controle, posicionamento espacial, deslocamentos, adequação de gestos e movimentos.	O corpo como comunicador: gestos e movimentos expressivos.	Cuidado com o próprio corpo, higiene, alimentação e bem estar.
ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO	Expressão oral e diálogo: balbucios, fala e brincadeiras com a oralidade.	Narração de acontecimentos, criação de enredos, recontos.	Compreensão da fala do adulto/outras crianças e diferenciação da intenção do discurso	Elaboração e expressão de hipóteses e explicações.
TRAÇOS, SONS, FORMAS E IMAGENS	Brincadeira e pesquisa de sons, ritmos, músicas, gestos, movimentos e dança.	Pesquisa e experimentação de marcas gráficas com diferentes riscadores e suportes: texturas, planos, cores, formas e volumes.	Exploração da transformação de materiais (tintas, massas, argila), bi e tridimensionalidade. Exploração de materiais de largo alcance (“não estruturados”).	Faz de conta, fantasia e imaginação, encenação, manifestações culturais, e artísticas.
ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES E TRANSFORMAÇÕES	Exploração das características dos objetos e materiais: odor, sabor, sonoridade, forma, peso, tamanho, posição, plasticidade etc.	Vivência e pesquisa de transformação de materiais, fenômenos naturais (clima, tempo, relevo) físicos e químicos. Elaboração de hipóteses (a partir de 24 meses).	Estratégias para realizar classificação, ordenação, transferência, medição, quantificação.	Relação e experiências com Natureza, ciclos de vida, diversidade de espécies, relações entre seres vivos, ambiente, água, ar terra e fogo (luz, sol, energia).



- **Visão geral do documento**

Vou iniciar meu olhar pelo artigo 3º das DCNEI:

O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental,

científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade (Art. 3º).

Essa é uma grande missão educativa que, se posta em prática, pode construir as bases para o desenvolvimento integral da criança e sua futura vida escolar e cidadã. Porém, a palavra que salta nesse parágrafo é justamente a “prática”.

Os estudos que orientaram os autores da terceira versão da base provavelmente apontaram para descobertas e constatações científicas da aprendizagem e do desenvolvimento infantil. Pesquisas sobre a primeira infância revelam características fundamentais do processo de crescimento que estão além da cultura e do contexto em que as crianças pequenas se desenvolvem.

Na minha leitura percebo um receio em abordar objetivamente as especificidades dessa fase da infância e as condutas necessárias para promoção do crescimento saudável e competente. É preciso situar o educador de modo a inspirar e balizar suas ações. As Diretrizes Curriculares cumprem o seu papel de esclarecer as crenças e a cultura educativa brasileira. Porém, em minha experiência como formadora, esse documento não posiciona e nem orienta especificamente o cotidiano das instituições de Educação Infantil.

Conforme observado em outros países, faz-se necessário elaborar um guia claro e objetivo para que os professores de todas as instituições brasileiras possam se inspirar para planejar suas propostas e práticas pedagógicas. Aliás, o próprio ato de planejar, registrar, refletir e avaliar para replanejar também poderia ser abordado de forma mais concreta, sem incorrer no risco de engessar a prática ou padronizá-la, apesar dos diferentes contextos culturais do nosso país. São pilares da educação que estão superficialmente abordados no documento. Nossos educadores não andam com as diretrizes embaixo do braço no seu dia a dia.

Também leram ou acessaram as duas últimas versões da BNCC insuficientemente, conforme pudemos apurar entre os mais de 25000 leitores do blog de Educação Infantil, Tempo de Creche, apesar das inúmeras publicações postadas por nós e outros sites a respeito destes documentos. Nossos educadores não se encontram neles, talvez não compreendam seus textos, ou ainda, é possível que não se sintam orientados por eles.

Assim, me pergunto, por que estamos evitando textos mais objetivos? Por que não adotamos os recursos do Canadá, por exemplo, que apresentam formas de conduta, situações exemplares e fundamentação?

Ou ainda, por que não nos inspiramos nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar de Portugal, com 110 páginas que admitem uma unidade em toda a pedagogia para a infância de seu país, com fundamentos comuns? Por que estamos nos distanciando de conteúdos específicos e mais aprofundados, uma vez que reconhecemos as carências formativas dos professores brasileiros?

Como exemplo, precisamos esclarecer concretamente o que é *favorecer experiências que contribuam positivamente para o desenvolvimento físico, afetivo, social, linguístico e cognitivo das crianças*. Afirmações como essa não explicam e, conseqüentemente, não contribuem com a educação propiciada aos nossos pequenos.

O que o Brasil acredita como *organização de espaços que ofereçam às crianças*

oportunidades de interação, exploração e descobertas? Quais são os tipos de materiais diversificados geradores de enredos para as explorações, as produções e as brincadeiras infantis? O que quer dizer gerir o tempo para proporcionar uma jornada que dê o tempo necessário para as crianças viverem suas experiências cotidianas e, concomitantemente, se alimentarem 5 vezes ao dia, dormirem e serem cuidadas? Todas essas orientações chegam aos professores como situações hipotéticas, com as quais não conseguem se identificar e elaborar pontes para a prática cotidiana.

Vamos compreender e reconhecer a nossa realidade e suas demandas para, de fato, orientarmos nossos educadores e as instituições que os formam.